

**CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA
DIRETORIA DE ENSINO
CENTRO DE ENSINO BOMBEIRO MILITAR
CENTRO DE FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DE PRAÇAS**

Octávio Scarabelot Tramontin

Relação Entre Habilidade Natatória e Eficiência no Salvamento Aquático

TRAMONTIN, Octávio Scarabelot. **Relação Entre Habilidade Natatória e Eficiência no Salvamento Aquático**. Curso de Formação de Soldados. Biblioteca CEBM/SC, Florianópolis, 2011. Disponível em: <Endereço>. Acesso em: data.

**Florianópolis
Dezembro 2011**

RELAÇÃO ENTRE A HABILIDADE NATATÓRIA E A EFICIÊNCIA NO SALVAMENTO AQUÁTICO

OCTÁVIO Scarabelot Tramontin¹

RESUMO

Este estudo busca encontrar uma relação entre a habilidade natatória e o desempenho em provas de salvamento aquático. Através da comparação entre os tempos das provas de 500 metros, Entrada e Saída do Mar e prova da Anilha foi traçada uma correlação entre os dados alcançados por cada indivíduo nas 3 (três) provas. O grupo analisado foi composto por 20 indivíduos do curso de formação de soldados 2011 do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Santa Catarina. Os valores foram representados através de tabelas e gráficos gerados no BrOffice Calc. Para a prova de 500m o grupo alcançou nota média de $7,5 \pm 2,09$; na prova de Entrada e Saída do Mar alcançou nota média de $5,9 \pm 4,13$; na prova da Anilha a nota média alcançada foi de $7,8 \pm 2,43$. Para avaliação do índice de significância foi utilizado o Índice de Correlação de Pearson, onde observou-se uma correlação positiva de 0,8 para a prova de Entrada e Saída do Mar e 0,62 para a prova da Anilha, igualmente positiva, ambas comparadas com a prova dos 500 metros. O índice de correlação para as duas comparações mostrou existir uma relação de, quanto melhor é o tempo do indivíduo nos 500m, melhor foi o seu tempo nas provas de resgate. Existe uma relação diretamente proporcional entre a capacidade individual de nadar e realizar um resgate. Os indivíduos que já possuíam conhecimentos em natação conseguiram transferir o conhecimento que possuíam para aprender uma nova habilidade.

Palavras-chave: Salvamento aquático. Natação. Aprendizagem motora. Afogamento.

1 INTRODUÇÃO

Para realizar o salvamento aquático o socorrista deve saber nadar. Porém, a falta de literatura sobre o assunto é um dos motivos pelos quais não há um maior entendimento da influência da natação no desempenho de um salvamento aquático.

¹ Aluno Soldado do CEBM – Centro de Ensino Bombeiro Militar de Santa Catarina. Graduado em Educação Física. E-mail: octavio@cbm.sc.gov.br.

O salvamento aquático é uma atividade bastante complexa. Ela exige capacidades mais apuradas relacionadas as qualidades físicas, técnicas e psicológicas do nadador comum. Mesmo que o salvamento aquático se utilize de vários aspectos da natação, nenhum dos estilos, oficiais de natação praticados hoje, são capazes de desenvolver no nadador uma cinestesia que lhe forneça agilidade para os movimentos exigidos no resgate aquático. Portanto questiona-se: Quanto será significativo termos bons nadadores para atuarem como guarda-vidas no resgate à vítimas?

Tendo as respostas propostas neste trabalho pode-se analisar, com maior profundidade, se um bom nadador será também um bom guarda-vidas. Da mesma forma como escolhemos os melhores atletas para cada esporte, ter uma base teórica para a escolha dos melhores guarda-vidas, irá tornar o serviço mais eficiente e a seleção destes mais objetiva. Certamente a escolha de bons guarda-vidas dependerá de outros fatores que também são necessários para a função, porém, tentou-se aqui isolar as qualidades técnicas e fisiológicas para a locomoção no meio líquido, que serão os fatores determinantes para a eficiência do resgate aquático.

Como objetivos específicos para este estudo foram coletados os tempos dos alunos nos 500 metros de natação; os tempos dos alunos na prova de Entrada e Saída do Mar; os tempos dos alunos na prova da Anilha e por fim, como objetivo principal, foram comparados os tempo destas provas, para verificar se existe um padrão de correlação para cada indivíduo.

Em países onde existe uma “cultura” de salvamento aquático mais desenvolvida existem dados estatísticos para diversos itens. Desde o número de ocorrências em cada ponto da praia até controle do número de frequentadores em cada praia. A proposta de um estudo para analisar as características necessárias em um guarda-vidas vem tornar igualmente mais estatística e quantitativa a escolha de um profissional que irá garantir a segurança da população.

2 SALVAMENTO AQUÁTICO

2.1 Histórico

Há relatos de vários estudiosos que em 1708, na China, foi criada a 1ª organização para salvamento aquático que se tem conhecimento. Também no séc. XVIII, em 1767 na cidade de Amsterdã foi criada a “Sociedade Para Salvar Pessoas Que Se Afogam”.

De acordo com Clarindo (2007), o salvamento aquático no mundo, já vem sendo

debatido e visto como uma atividade de relevante importância social desde a segunda metade do século XIX. Mais precisamente, desde 1870, por alguns países europeus, que tinham maior desenvolvimento e portanto, criaram situações propícias para que se começassem a pensar e a realizar seminários sobre o tema. A idéia de debater para ampliar o conhecimento sobre socorrismo no meio líquido foi crescendo nestes países e em 1878 é realizado o primeiro congresso mundial em Marselha, na França. Porém, segundo a Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (SOBRASA), somente em 1900 nos jogos olímpicos de Paris o salvamento aquático foi visto como esporte. Realizado como esporte de demonstração naquele ano, nunca entrou para o calendário olímpico, porém serviu para dar início aos jogos mundiais de salvamento aquático que ocorrem de 2 em 2 anos.

Com a crescente necessidade de regulamentar o salvamento aquático e atendimento pré-hospitalar de afogados a nível mundial surge na França, em 1910, de acordo com Godinho (2006), a Federation Internationale de Sauvetage Aquatique (FIS). Outros países fora da Europa começam a se interessar pelo salvamento aquático e surge uma entidade formada por países de língua inglesa, a World Life Saving (WLS), com sede na Austrália, no ano de 1971).

Mais de 20 anos depois as duas associações se unem numa tentativa de reunir todos os assuntos relacionados a salvamento aquático e expandir o número de associados. Surge então, em 1994 a Federation International Life Salving (ILS) com sede no Reino Unido atualmente esta federação conta com 140 países associados, entre os quais o qual o Brasil é membro.

Dentro desta nova perspectiva mundial para o tema, com um caráter mais esportivo e técnico, a ILS realiza os campeonatos mundiais de salvamento aquático, onde socorristas de todo o mundo podem medir forças e técnicas dentro das modalidades criadas.

De acordo com Freire (2001 apud MOCELLIN, 2009), no Brasil, a natação de resgate de forma sistemática foi introduzida pelo Comodoro Wilbert E. Longffellow, do serviço de salvamento da Cruz Vermelha Americana no ano de 1914. Para chamar atenção para a causa foi empregado o slogan: “Toda pessoa deve saber nadar e todo o nadador deve saber salvar”. Neste período o Sr. Longffellow treina voluntários para trabalharem na praia de Copacabana. Alguns anos mais tarde, em 1917, o Governo do Rio de Janeiro contrata alguns pescadores para atuarem na prevenção de afogamentos na praia de Copacabana. São utilizados botes e canoas, dos próprios pescadores. Segundo Bastos (1998 apud GUAIANO, 2005) no início, de forma muito improvisada, onde estes pescadores atuavam de acordo com os próprios conhecimentos, fiscalizados por dois inspetores e 28 auxiliares. Somente em 1939 é introduzido na praia de Copacabana o atendimento médico para complementar o resgate de

afogados. Neste mesmo ano são construídos 18 postos de salvamentos, contratados 120 guarda-vidas com apoio de barcos motorizados, carros e ambulâncias equipadas com o que existia de mais moderno na época.

Hoje o Brasil é representado na ILS, pela SOBRASA, a qual é responsável por difundir no país as normas estabelecidas pela ILS e desenvolver o salvamento aquático, promovendo os campeonatos nacionais deste esporte.

2.2 Características de um bom socorrista aquático

É de conhecimento popular que para realizar o salvamento aquático o socorrista deve saber nadar. Para alguns estudiosos a atividade de socorrismo aquático exige do nadador certas habilidades que não se fazem presentes na natação. Segundo Guaiano (2008), a natação de resgate é uma atividade que apresenta um alto nível de complexidade. Ela torna mais apuradas as qualidades físicas, técnicas e psicológicas do nadador comum.

O artigo desenvolvido por Guaiano (2008), vem ao encontro da idéia de que para ser um bom socorrista não é suficiente saber nadar bem. Existe uma série de outras habilidades que precisam ser desenvolvidas para executar esta atividade. Outros autores tentam definir quais seriam as características que devem ser desejadas no salva-vidas.

De acordo com Mocellin (2001), para que o guarda-vidas tenha eficácia na sua função, é necessário que o mesmo possua certas qualidades, sem as quais a atividade final poderá ficar prejudicada. São elas: Preparo físico, preparo técnico, assiduidade ao serviço, atenção, trabalho preventivo, postura, aparência, higiene pessoal e disciplina.

É de interesse do presente estudo avaliar a capacitação do salva-vidas apenas ao que diz respeito a preparação física e técnica, pois serão estas as qualidades responsáveis diretamente por beneficiar, ou não, o resgate de afogados. As demais características também fazem parte da formação de um bom guarda-vidas, porém, não influenciam no sucesso do resgate, portanto esta limitação será definida pelas seguintes características:

a) Preparo Físico: Peduzzi (2011), garante que para a excelência da atividade de salvamento aquático é necessário que os guarda-vidas tenham um condicionamento físico apropriado às atividades que irão exercer durante o serviço. Peduzzi ainda relata que estar bem condicionado na parte da corrida, proporciona uma rápida aproximação do resgatista até o local da ocorrência.

Outros autores concordam com esta citação fazendo sua própria definição de preparo físico.

Ter uma boa aptidão física é fundamental para o bom desempenho profissional dos salva-vidas. A exemplo, em uma ocorrência de arrastamento, a força e resistência de

membros inferiores são fundamentais, tanto na corrida quanto na natação em direção à vítima, como também as dos membros superiores para segurar e trazer a vítima até a praia. [...]

Esta prontidão e agilidade que deve ter o salva-vidas, já pressupõe que sua condição física seja muito boa; isto quer dizer que o nível de aptidão física em que se encontra o salva-vidas é imprescindível para o sucesso ou insucesso de um salvamento. (RODRIGUES, 2000 apud MOCELLIN, 2001, p. 65).

b) Preparo Técnico: Segundo Mocellin (2001), não basta o guarda-vidas ter bom preparo físico e saber nadar, este deve ter ainda conhecimento das técnicas de aproximação, abordagem e resgate, além de conhecer profundamente o ambiente marítimo e como atuar neste meio.

Para Machado (2001), o emprego de equipes de salvamento, devidamente treinadas com profissionais capazes de avaliar, planejar e controlar tais ocorrências, são fatores que influenciam no sucesso das operações de salvamento.

Godinho (2006), também separa o indivíduo que tem capacidade de nadar dos capacitados para realizar um salvamento.

A sociedade identifica o bombeiro como um profissional polivalente que domina todas as áreas de conhecimento da atividade de bombeiro. Infelizmente isto não representa a realidade, tem-se nos quadros do Corpo de Bombeiros Militar uma pequena parcela de pessoas que sabem nadar, e menos ainda capazes de realizar um salvamento. (GODINHO, 2006, p. 31).

Peduzzi (2011), concorda com as diferenças técnicas na locomoção na natação em relação ao salvamento aquático.

As técnicas de nado utilizadas na atividade de salvamento aquático diferem-se das técnicas da modalidade de natação, devendo ser bastante treinadas pelos guarda-vidas, para que possam realizar os resgates de maneira a salvar vidas com eficiência. (PEDUZZI, 2011, p. 27).

Outros autores como Lotufo (apud GUAIANO, 2008), ainda acrescentam que para um resgate mais efetivo, além do conhecimento dos procedimentos necessários, requer do indivíduo outras qualidades como: coragem, serenidade, imaginação.

3 METODOLOGIA

Segundo Gil (2002), este estudo, quanto aos objetivos, é de natureza explicativa, pois buscou explicar a relação existente entre as variáveis coletadas.

Por ser de dimensão mensurável e portanto apresentar os dados em forma de números, tratou-se de uma pesquisa quantitativa.

O método utilizado, segundo Lakatos e Marconi (1991), foi o hipotético-dedutivo. Este método de abordagem possibilita, através do conhecimento adquirido pela revisão de literatura formular hipóteses por dedução. Tais hipóteses foram testadas e analisadas para

detectar a existência ou não de tais fenômenos. Já o método de procedimento utilizado foi o Estatístico. Este método está associado à pesquisa quantitativa e segundo Fachin (2001), se utiliza de amostragem para medir o grau de correlação entre dois ou mais fenômenos da realidade.

Para a coleta dos dados foram utilizadas as provas do módulo de Salvamento Aquático (500 metros, Entrada e Saída do Mar e Anilha), ministrado para os alunos do curso de formação de soldado 2011. Foi coletada uma amostra de 20 indivíduos pertencentes ao 3º pelotão da 1ª CIA. Os dados da prova de natação (500 metros) foram cruzados com os dados das duas provas de resgate (Entrada e Saída do Mar e a prova da Anilha) visualizando-se o índice de correlação entre os dados.

•**500 metros** – Consiste em nadar 500m em uma piscina de 25m no menor tempo possível. O indivíduo deve nadar no estilo Crawl e obrigatoriamente tocar as extremidades opostas da piscina com alguma parte do corpo. Não é permitido apoiar-se no fundo da piscina para deslocar-se.

•**Anilha** – Consiste em nadar 25m no “nado polo”, com a cabeça fora da água, mergulhar cerca de 2 metros, pegar uma anilha de 5Kg e retornar em “nado tesoura”. A prova é realizada em piscina de 25m e a anilha deve permanecer fora da água durante todo o trajeto de retorno. Não é permitido apoiar-se na borda durante o trajeto.

•**Entrada/Saída** – Consiste em correr 100m na areia, entrar no mar e nadar até uma boia distante cerca de 200m localizada após a arrebentação e retornar até a praia nadando para novamente correr 100m até o local da chegada.

O tratamento dos dados foi feito através do BrOffice Calc. Os valores foram dispostos em tabelas e gráficos em linha para uma visualização mais clara dos fenômenos. Para analisar o índice de correlação entre os valores de cada prova, foi extraído o Índice de Correlação de Pearson.

A parte de revisão bibliográfica tentou resgatar o histórico do salvamento aquático para mostrar onde e com que preparo iniciaram-se as primeiras tentativas de socorrismo no meio líquido. Também buscou-se em outras bibliografias a visão de autores a cerca das características desejáveis para o bom desempenho de um socorrista.

4 DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Entrada e Saída do Mar

Quando verificada a tabela dos resultados das provas apenas por tempo, não é

percebida claramente a relação existente entre eles. Os dados não seguem um padrão. Isto ocorre pois as distâncias e objetivos das provas são diferentes, portanto, o tempo para realizar cada uma será proporcional as dificuldades encontradas nas mesmas. Pode-se observar apenas que 6 (seis) dos indivíduos não conseguiram completar a prova de Entrada e Saída do Mar. Porém, estes mesmos indivíduos finalizaram, ainda que com os tempos mais altos do grupo, a prova dos 500m em piscina. Isto se traduz em uma extrema dificuldade de se locomover no mar, sendo que alguns nem mesmo conseguiram completar a prova.

Tabela 1: Valores, por tempo, das provas dos 500m e de Mar (Min./Seg)

Aluno	500m	Entrada/Saída
1°	9'10"	8'19"
2°	7'38"	8'16"
3°	16'48"	não fez
4°	12'29"	não fez
5°	14'27"	não fez
6°	9'37"	9'31"
7°	6'48"	8'59"
8°	10'30"	11'12"
9°	12'12"	14'10"
10°	13'40"	não fez
11°	12'00"	12'52"
12°	12'56"	12'26"
13°	8'20"	8'27"
14°	19'39"	não fez
15°	12'18"	11'46"
16°	14'01"	não fez
17°	10'39"	13'46"
18°	8'36"	8'05"
19°	12'02"	12'32"
20°	9'03"	8'27"

Fonte: Dados da pesquisa (2011).

Quando observada a mesma tabela, porém, com os valores traduzidos por notas, já é possível verificar uma relação entre os dados. O Indivíduo “1°” possui nota 9,05 na prova dos 500m e nota 9,86 na entrada e saída do mar. O Indivíduo “2°” possui nota 9,92 na prova de piscina e nota 9,89 na prova de mar. Assim sucessivamente percebe-se uma relação muito próxima entre os valores das notas de cada indivíduo para ambas as provas.

Constata-se novamente que todos que não conseguiram completar a prova de entrada e saída do mar obtiveram notas inferiores a média do grupo (7,5), para a prova dos 500m. Dos 6 (seis) que não realizaram a prova no mar, 5 (cinco) obtiveram nota inferior a 7,00 na prova de piscina.

Outra observação importante é percebida nos valores das médias. Enquanto a

média das notas na prova dos 500m ficou em 7,5, na prova de mar baixou para 5,9 pois, obteve-se 6 (seis) notas 0 (zero), que “puxaram” a média do grupo para baixo.

Através do Índice de Correlação de Pearson foi verificado uma relação proporcional de 0,8 positivo. Este valor demonstra existir uma relação significativa entre os dois testes. O fato de ser positivo demonstra uma relação proporcional para os dois valores. Segundo Peduzzi (2011), apesar da diferença de técnicas de nado utilizadas para locomoção no resgate e na piscina, este serve de base para o aprendizado das técnicas de salvamento aquático. Alguns autores citam este processo como sendo uma forma de transferência de aprendizagem. De acordo com conceito de Magill (2000), transferência de aprendizagem é quando o indivíduo aproveita experiências anteriores para o aprendizado de uma nova tarefa semelhante.

Tabela 2: Valores, por nota, das provas do 500m e de Mar (0 à 10)

Aluno	500m	Entrada/Saída
1°	9,05	9,86
2°	9,92	9,89
3°	4,37	0
4°	7,15	0
5°	6,03	0
6°	8,79	9,11
7°	10	9,44
8°	8,29	8,07
9°	7,32	6,24
10°	6,48	0
11°	7,43	7,04
12°	6,9	7,31
13°	9,52	9,77
14°	1,12	0
15°	7,26	7,72
16°	6,28	0
17°	8,2	6,48
18°	9,37	10
19°	7,41	7,25
20°	9,11	9,77
Média	7,5±2,09	5,9±4,13
Correlação	0,8	positiva

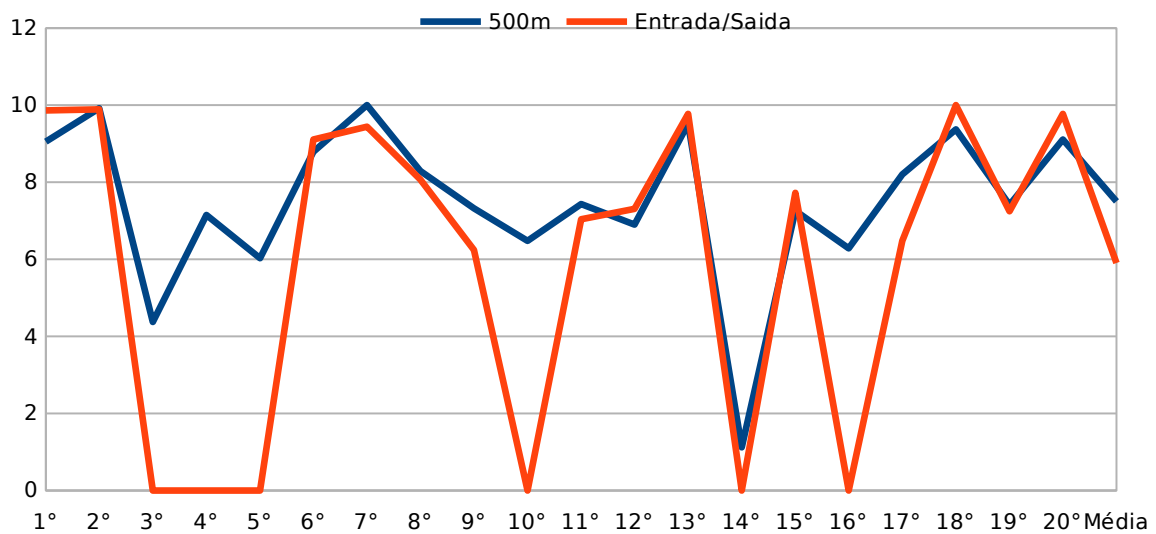
Fonte: Dados da pesquisa (2011).

Os valores do desvio padrão (2,09pts para os 500m e 4,13pts para Entrada/Saída) mostram que houve bastante variação nos tempos alcançados pelos indivíduos do grupo.

Com a representação das notas através de gráficos pode-se observar com maior clareza que as notas 0 (zero) da prova de Entrada e Saída do Mar distanciam-se do comportamento do restante do gráfico que apresenta os valores das duas provas bastante

próximos. Foi observado que os indivíduos que não completaram a prova no mar possuíam insegurança quanto a entrar no mesmo, mostrando uma dificuldade muito mais psicológica do que técnica. As notas 0 (zero) são realmente resultados atípicos, pois são indivíduos que tem receio em entrar no mar e não traduzem a realidade de suas capacidades natatórias. Mesmo com esta diferença o índice de correlação dos dados é de 0,8 positivo, demonstrando que para este grupo e para estas provas existe uma relação de quanto melhor o indivíduo nada em piscina melhor realiza a prova de Entrada e Saída no Mar.

Gráfico 1: Valores nas provas dos 500m e de Entrada e saída



Fonte: Dados da pesquisa (2011).

Analisando ainda os valores do gráfico e retirando-se os indivíduos com notas 0 (zero), percebe-se que 7 indivíduos obtiveram as notas da prova de mar maiores que as notas da prova de piscina. E outros 7 indivíduos possuem notas da prova dos 500m em piscina maiores que das provas de mar. Esta diferença ainda que muito pequena, dado o alto grau de correlação positivo, mostram um equilíbrio nos valores do grupo quando não avaliados os extremos do gráfico. Neste caso as 6 (seis) notas 0 (zero).

Portanto, aqui percebe-se 2 fenômenos - o fato de termos um grupo heterogêneo, pois no grupo temos indivíduos que nadam bem e outros que não tem esta mesma habilidade. E outro fenômeno é a relação de proximidade entre os valores das notas de cada indivíduo.

4.2 Anilha

Para a comparação com a prova da Anilha, os valores quando expostos por tempo seguem um menor padrão do que na comparação com a prova de Entrada e Saída do Mar. Em uma rápida observação não é percebida nenhuma lógica entre os números. Isto ocorre porque

o tempo para realizar a prova dos 500m é muito maior do que para completar a prova da Anilha. Estas duas provas são realizadas no mesmo ambiente (a piscina), porém, são atividades bastante diferentes. Enquanto a prova dos 500m analisa o deslocamento individual, a prova da Anilha analisa o deslocamento do indivíduo com a sustentação de um objeto de 5Kg, que é a simulação do resgate da vítima com locomoção em “nado tesoura”. Na prova da Anilha apenas um indivíduo não realizou o teste alegando dor extrema nos joelhos.

Tiveram ainda apenas 10 (dez) indivíduos que realizaram a prova da Anilha abaixo de 1 minuto e destes, apenas 2 (dois) com tempo menor ou igual á 45 segundos. Uma curiosidade observada foi que estes mesmos 2 (dois) indivíduos alcançaram também os menores tempos da prova dos 500m.

Tabela 3: Valores, por tempo, das provas dos 500m e da Anilha (Min./Seg)

Aluno	500m	ANILHA
1°	9'10"	53"
2°	7'38"	45"
3°	16'48"	1'37"
4°	12'29"	1'26"
5°	14'27"	1'27"
6°	9'37"	57"
7°	6'48"	39"
8°	10'30"	47"
9°	12'12"	1'26"
10°	13'40"	1'27"
11°	12'00"	1'24"
12°	12'56"	1'05"
13°	8'20"	46"
14°	19'39"	1'40"
15°	12'18"	47"
16°	14'01"	não fez
17°	10'39"	58"
18°	8'36"	51"
19°	12'02"	1'31"
20°	9'03"	48"

Fonte: Dados da pesquisa (2011).

Quando os valores são transformados em notas novamente percebe-se uma relação mais próxima entre os números conseguidos por cada indivíduo nas duas provas. O “1°” indivíduo apresenta nota 9,05 para a prova dos 500m e nota 9,36 para a prova da Anilha, apenas 0,3 décimos de diferença. O indivíduo “2°” alcançou nota 9,92 nos 500m e nota 10 para a prova da Anilha, apenas 0,08 décimos de diferença e assim por diante a maioria dos participantes obtiveram notas com valores próximos para as duas provas. Uma observação especial deve ser dada ao sujeito “7°” que alcançou nota 10 para ambas as provas.

Dois indivíduos se destacam na análise por apresentarem resultados muito diferentes do restante da amostra. São eles, o sujeito “14^o” que ficou muito abaixo no valor alcançado nos 500m, apresentando nota 1,12 e o sujeito “16^o” que não conseguiu realizar a prova da Anilha e foi classificado com a nota 0 (zero) para esta prova.

As médias das notas para as provas obtiveram valores próximos, sendo para os 500m uma média de 7,5 e para a prova da Anilha média 7,8. Na prova da Anilha mesmo com uma nota 0 (zero) a média manteve-se ligeiramente mais alta que a média dos 500m.

Para esta comparação o Índice de Correlação de Pearson encontrado foi de 0,62 positivo, não sendo portanto significativo. Ainda assim a correlação é positiva e portanto, proporcional da mesma forma que na comparação feita com a prova de Entrada e Saída do Mar. Percebe-se que na comparação com a prova da Anilha o menor índice de correlação justifica-se pela maior complexidade na transferência de aprendizagem nesta atividade.

Tabela 4: Valores, por nota, das provas de 500m e da Anilha (0 à 10)

Aluno	500m	ANILHA
1 ^o	9,05	9,36
2 ^o	9,92	10
3 ^o	4,37	5,84
4 ^o	7,15	6,72
5 ^o	6,03	6,64
6 ^o	8,79	9,04
7 ^o	10	10
8 ^o	8,29	9,84
9 ^o	7,32	6,72
10 ^o	6,48	6,64
11 ^o	7,43	6,88
12 ^o	6,9	8,4
13 ^o	9,52	9,92
14 ^o	1,12	5,6
15 ^o	7,26	9,84
16 ^o	6,28	0
17 ^o	8,2	8,96
18 ^o	9,37	9,52
19 ^o	7,41	6,32
20 ^o	9,11	9,76
Média	7,5±2,09	7,8±2,43
Correlação	0,62	positiva

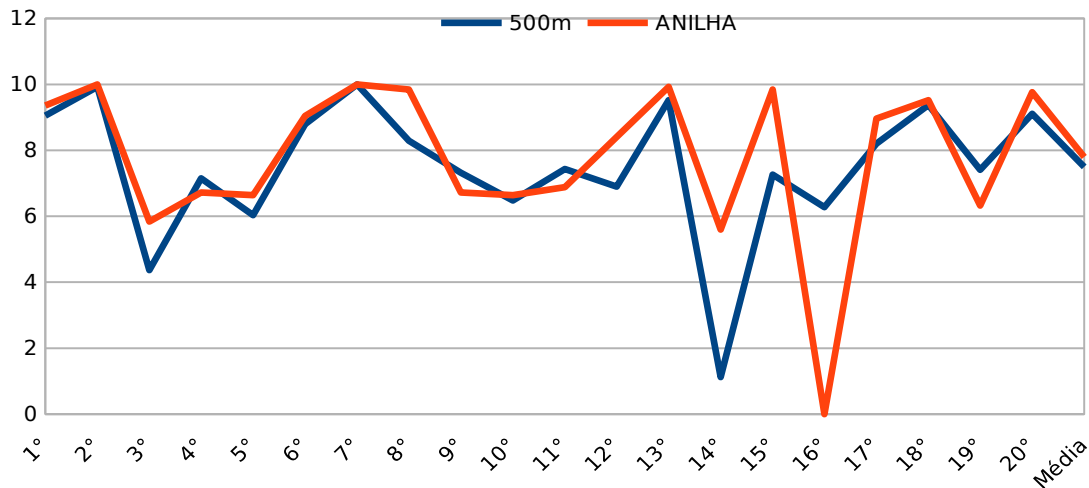
Fonte: Dados da pesquisa (2011).

Aqui os valores do desvio padrão são mais próximos (2,09pts para os 500m e 2,43pts para Entrada/saída). No gráfico visualiza-se os valores da prova dos 500m e da prova da Anilha que mesmo tendo um menor índice de significância as linhas das provas mantem-se juntas em praticamente todos os resultados. Apenas os indivíduos “14^o” e “16^o” tiveram

dificuldades em realizar a prova da Anilha e saíram do padrão do gráfico.

De acordo com a teoria da transferência de aprendizado de Magill (2000), indivíduos que já possuíam um contato com o meio líquido tiveram vantagem para a execução da nova tarefa. Podemos comparar aqui o fato de os indivíduos que já possuíam conhecimento de natação tiveram mais facilidade para aprender uma nova habilidade.

Gráfico 2: valores das provas dos 500m e Anilha



Fonte: Dados da pesquisa (2011).

Uma das metas da prática de uma habilidade é o desenvolvimento da capacidade de transferir o desempenho da habilidade, do ambiente da prática, para um outro ambiente em que o indivíduo precise desempenhar a habilidade, para poder atingir a mesma meta da ação. (MAGILL, 2000, p. 166).

Peduzzi (2011), em seu estudo sobre a análise fisiológica em resgatistas não encontrou correlação positiva para atletas com melhores índices de condicionamento físico quando comparados com seus tempos no resgate de afogados.

Em tese, esses dados demonstram que o sistema cardio respiratório é importante para os resgates, uma vez que o grupo apresentou valores próximos aos atribuídos a indivíduos moderadamente treinados, porém, esse aspecto não se demonstra como um fator predominante para o desempenho na atividade de resgate, em função dos indivíduos que apresentaram maiores valores de VO₂max. Não foram necessariamente os resgatistas mais rápidos. (PEDUZZI, 2011, p. 68).

“Os tempos dos testes em piscina não obtiveram correlação com os tempos dos resgates, enquanto que os resgates obtiveram alta correlação um com o outro.” (PEDUZZI, 2011, p. 72).

5 CONCLUSÃO

Diferente do proposto no início do estudo, percebeu-se uma relação diretamente proporcional entre os valores da prova dos 500m e das provas de resgate. Indivíduos que

nadam bem a prova dos 500m tendem a realizar bem as provas de resgate. E indivíduos que não possuem a mesma habilidade natatória tendem a não realizar com bons tempos as provas de resgate. Com os estudos feitos e o embasamento teórico conclui-se que realmente existe uma diferença quanto as habilidades exigidas na natação e no resgate de afogados. Porém, estas diferenças foram neutralizadas pela capacidade individual de transferir experiências anteriores para a prática de uma nova habilidade. A experiência dos “nadadores” se sobressaiu diante da necessidades de novas habilidades para realizar as provas de resgate. Esta relação foi percebida através dos índices de correlação para cada comparação.

É possível concluir que, mesmo comparando nadadores com socorristas mais experientes, em provas de resgate, provavelmente os socorristas teriam melhores resultados. Porém, se treinados, para as provas de resgate, estes mesmos nadadores serão mais eficazes.

Ficam aqui algumas sugestões para estudos posteriores que venham a complementar os conhecimentos constatados pelo presente estudo:

- Realizar um estudo com um grupo mais homogêneo.
- Comparar os 500m em piscina com uma prova de resgate mais completa, como resgate de vítima no mar, tornando mais próximo de uma situação real de resgate.
- Aplicar as provas em nadadores e socorristas separados em dois grupos. Treinar os nadadores para resgate aquático e refazer os testes e as comparações entre os dois grupos.

REFERÊNCIAS

CLARINDO, Diogo de Souza. **Prevenção**: Da importância à prática no salvamento aquático. 2007. 84 f. Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Emergência), Universidade do Vale do Itajaí. São José. 2007.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODINHO, Jailson Osni. **Estudo sobre o emprego de caiaque inflável de dois lugares para operações de salvamento aquático em rios, lagos e represas**. 2006. 30 f. Monografia (Curso de Formação de Oficiais), Bombeiro Militar de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

GUAIANO, Osni Pinto. **Elementos históricos da prevenção do afogamento no Brasil**. 2005. Disponível em: <<http://www.sobrasa.org/biblioteca/temas/GUAIANO%20%20%20ElementosHistoricosDaPrevencaoDoAfogamentoNoBrasil.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2011.

GUAIANO, Osni Pinto. **Natação de resgate**: educação motora ou unicamente salvamento aquático? **Prof. Osni Guaiano**, 17 maio 2008. Disponível em: <<http://osniguaiano.blogspot.com/2008/05/natao-de-resgate-educao-motoraou.html>>. Acesso em: 14 set. 2011.

MACHADO, Renaldo Manoel. **Atividades preventivas e de salvamento aquático em água doce**. 2001. 112 f. Monografia Curso de Formação de Oficiais, Polícia Militar de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MAGILL, Richard A. **Aprendizagem motora**: Conceitos e aplicações. Tradução: Aracy Mendes da Costa. 5. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

MOCELLIN, Onir. **Análise do processo de qualificação de salva-vidas: Aproximação de um modelo ideal para Santa Catarina**. 2001. 143 f. Monografia (Curso de Aprimoramento de Oficiais), Polícia Militar de Santa Catarina.

MOCELLIN, Onir. **Afogamentos no estado de Santa Catarina**: Diagnóstico das mortes ocorridas entre os anos de 1998 e 2008. 2009. 59 f. Monografia (Curso de Especialização em Administração Pública, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PEDUZZI, Eduardo Silveira. Análise fisiológica de simulações de resgates aquáticos em praias arenosas e intermediárias. 2011. 81 f. Monografia (Curso de Formação de Oficiais), Bombeiro Militar de Santa Catarina, Florianópolis, 2011

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SALVAMENTO AQUÁTICO. **Salvamento Aquático**. Disponível em: <http://www.sobrasa.org/news/peernambuco/Salvamento%20Aquático_O%20esporte.Pdf>. Acesso em: 10 mai. 2011. Acesso em: 14 set. 2011.